

# Os cento e cinquenta anos da Retirada da Laguna

## Logística, geografia e combate

*Paulo Marcos Esselin\**

*Luiz Henrique Ferreira Fernandes\*\**

*Uma fada má presidiu ao nascimento desta expedição;  
ela tem contra si a má sorte e vai sempre de mal a pior.*

TAUNAY

**E**m 30 de agosto de 1864, Francisco Solano López, presidente do Paraguai, declarou solenemente que a intervenção militar do império do Brasil na república do Uruguai constituiria razão de guerra, ao agredir o equilíbrio dos estados do Prata e seus interesses nacionais.

No final do mesmo ano, o antigo Mato Grosso foi invadido por tropas paraguaias, dando início ao mais longo conflito militar da América do Sul: cinco anos da mais sangüinolenta e destrutiva guerra, a de maior repercussão para os quatro países envolvidos, quer quanto à mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros.

A invasão de Mato Grosso pelas tropas paraguaias, em dezembro de 1864, causou profunda indignação às autoridades do Brasil, que a viram como “ato traiçoeiro e injustificável” (DORATIOTO, 2002, p. 111),

segundo declarações da época. Para retomar a província invadida, o general Henrique Beaurepaire Rohan, ministro da guerra do Império, solicitou sugestões sobre as ações a empreender para a expulsão dos invasores. O primeiro a ser ouvido foi o marechal Caxias, que propôs dividir a ofensiva paraguaia.

[...] não conhecia bem os efetivos de Mato Grosso, mas julgava que estes, acrescidos de 4.000 homens, que marchassem, por terra, de São Paulo e Minas Gerais, poderiam dar combate aos invasores até o Apa, onde aguardariam ordens; teriam base em Miranda, e o principal objetivo dessa operação militar seria distrair as forças paraguaias para facilitar a invasão, pelo sul, no território inimigo. (GUIMARÃES, 1988, p. 11)

Já o almirante Tamandaré sugeriu, sem qualquer estudo detalhado, a formação de uma grande frente, que atacaria pelo norte do Paraguai e “reuniria 20.000 homens, com

\* Doutor em História Ibero-Americana (PUC-RS), com estágio de pós-doutorado em História pela USP; docente da UFMSul. (Paulo.esselin@gmail.com)

\*\* Graduado em Licenciatura Plena em História (UFMS/16). (luizhfrnandes6@mail.com)

soldados mineiros, paulistas e cuiabanos” de modo que López “não poderia resistir à sorte que o esperava” (GUIMARÃES, 1988, p. 11).

O senador José Antônio Pimenta Bueno, marquês de São Vicente, ex-presidente da província de Mato Grosso, que, de todos, era quem dispunha de algum conhecimento da região e de suas vias de comunicação, sugeriu que:

[...] só dentro de dois anos o plano poderia ser executado com sucesso; dizia que as vias fluviais partindo do Tietê (o Paraná, o Pardo, o Ivinhema e o Iguatemi) poderiam ser utilizadas para colocar tropas próximas de Miranda, no alto da serra de Maracaju; a do Ivinhema, tomando o seu formador Brillhante ou até a boca do Dourados, poderia despejar tropas na mesma serra ou na Vacaria; a do Iguatemi, a mais distante, poderia pôr tropas no cimo da serra, mas em terrenos hostis; examinou a via terrestre, pela qual, embora difícil, era a que podia ser utilizada imediatamente. (GUIMARÃES, 1988, p. 11)

Das propostas oferecidas ao ministro da Guerra, todas apresentavam dificuldades de execução. O teatro de operações distava muito dos grandes centros e era área praticamente desconhecida pelo exército imperial; não havia infraestrutura; as comunicações eram extremamente precárias. Além disso, o clima era inóspito. Nesse cenário, o apoio logístico — transporte, alimentação, alojamento, água, serviços como os de cozinha, fardamento, equipamentos, reposição de armamento e munição, bem como coleta e sepultamento dos mortos — era extremamente dificultoso e foi negligenciado ou sequer considerado no planejamento das operações (BERGO, 2015).

O conhecimento de que o senador Pimenta Bueno dispunha sobre a província de Mato Grosso advinha do fato de ter sido seu presidente de 1836 a 1838, sendo em 1843 nomeado representante diplomático do Brasil no Paraguai. Foi ele quem sugeriu a utilização das vias fluviais<sup>1</sup> como o melhor meio para transportar os efetivos até o teatro de operações. No entanto, afirmou na ocasião serem necessários dois anos para a execução do plano. As sugestões de Pimenta Bueno não foram acolhidas pelo ministro da Guerra. Optou-se, na ocasião, pela coluna de marcha. Com essa escolha, os militares levaram dois anos para alcançar a fronteira paraguaia, tendo percorrido um longo e inóspito caminho à custa de muitas vidas.

O plano adotado foi o de criar uma força expedicionária destinada a divertir<sup>2</sup> os paraguaios estacionados em Mato Grosso, enquanto o esforço principal se efetuariaria a partir do Rio Grande do Sul.

[...] o corpo de exercito tinha missão, que devia cumprir a todo o custo, que a sua marcha pelo Norte do território paraguayo era absolutamente indispensavel no plano do conjuncto da guerra, que essa diversão, seria talvez decisiva em favor do ataque ao Sul. (TAUNAY, 1874, p. 41)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Acreditava-se que essa coluna que iria agir em Mato Grosso pudesse ainda proteger a cavallhada e o gado ali existentes, facilitando o ataque a Humaitá, já que dividiria as forças adversárias (DORATIOTO, 2002).

Os efetivos do exército brasileiro ainda em formação eram pequenos, mal adestrados e mal equipados. O serviço militar não

era obrigatório. Para suprir a debilidade do exército, o imperador Pedro II, em 7 de janeiro de 1865, pelo decreto 3371, criou para o exercício extraordinário da guerra os batalhões denominados Voluntários da Pátria, abertos a todos os cidadãos de 18 a 49 anos.

À época, os investimentos no exército imperial eram poucos, e “o recrutamento era forçado, sendo que as praças provinham das classes mais baixas, constituindo-se em verdadeira escória social” (BERGO, 2015, p. 8). Eram também incorporados indivíduos sentenciados e indultados, escravos libertos e homens vadios.

O reflexo desse recrutamento foi organizar uma tropa inexperiente, de pouca disciplina, sem suficiente adestramento e sem espírito de corpo — algumas das causas de insucesso na defesa das fronteiras, em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul (MOURA, 2009). Na cidade do Rio de Janeiro, assistia-se à chegada de contingentes oriundos do Norte, “muito bisonhos e matutos. Mal aportavam seguiam logo para as bandas do Sul, empilhados em péssimos transportes” (TAUNAY, 1948, p. 118).

Já a marinha era poderosa e moderna. Disponha de 42 navios e de quatro mil homens bem treinados, e achava-se estacionada no rio da Prata em consequência do conflito no Uruguai (BERGO, 2015).

O governo convocou as guardas nacionais de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Amazonas, além dos Voluntários da Pátria, para comporem a Coluna Expedicionária de Mato Grosso, nomeando, para comandá-la, o coronel de cavalaria Manoel Pedro Drago, que também seria o comandante das armas da província de Mato Grosso.

Em 1º de abril de 1865, partiu do Rio de Janeiro com destino a Santos, por terra, o Corpo Expedicionário, em alguns contingentes de infantaria aos quais se anexou o corpo de artilharia do Amazonas, bem como seu estado-maior e a comissão de engenheiros, perfazendo um total de 568 homens, munidos de algumas viaturas para transporte de munição, víveres e bagagens (VIANA, 1938).

De Santos, a coluna, agora engrossada por contingentes oriundos de São Paulo, Goiás e Paraná, e também por uma companhia de cavalaria, alcançou Uberaba, em Minas Gerais, onde recebeu o aporte de outros contingentes de infantaria sob o comando do coronel Jose Antônio da Fonseca Galvão bem como outra coluna composta do corpo policial do 17º Batalhão de Voluntários e do 21º Batalhão de Linha, resultando ao todo em 1.209 homens que se juntaram às forças do coronel Drago naquela cidade, formando assim duas brigadas. Ao todo, a coluna foi composta por cerca de três mil homens. (TAUNAY, 1874). Em 4 de setembro, a Força Expedicionária deixou Uberaba em direção a Cuiabá.

Devido à urgência para compor as tropas, já no início de sua organização, constatou-se falta de materiais básicos para os combatentes, como mochilas, barracas e outros itens que pudessem assegurar um mínimo de conforto para a longa marcha. Os soldados transportavam seus pertences em sacos; as barracas eram poucas e de material de baixa qualidade, que rapidamente se deteriorava, proporcionando exígua proteção. Muitos dos que seguiam para as operações ao sul de Mato Grosso deslocavam-se descalços ou utilizavam alpercatas ou chinelos de couro, devido ao

incomodo que as botas causavam após serem expostas às águas que eram obrigados a cruzar ou porque seus calçados se destruíam ao longo do percurso (CERQUEIRA, 1980).

Parte do abastecimento de gêneros era feita por comerciantes que acompanhavam as tropas levando vestuários, alimentos e quinquilharias, vendidos sempre a preços elevados aos soldados, que recebiam seu soldo em marcha. Uma ação tão mal preparada e planejada pelo império constituía, segundo Maia (1964, p. 186), uma “expedição da fome e da morte”. Apesar do despreparo das tropas, reinava entre oficiais e soldados a certeza de que iriam viajar por todo o interior do Brasil e, “com todas as demoras obrigadas, quando chegassem à zona do Apa, a guerra com certeza estaria terminada” (TAUNAY, 1948, p. 119).

Para o abastecimento de gêneros, o comando das operações no Brasil assinou contratos com diversos fornecedores, confiando-lhes a incumbência de conduzir considerável parcela dos artigos ao teatro de operações. Ao longo da guerra, esse sistema mostrou-se irregular e pouco confiável (FARIAS, 2016).

As tropas escaladas para combater em Mato Grosso marchavam acompanhadas por expressivo contingente civil, incluindo esposas e filhos, além de mulheres, que realizavam variados trabalhos e prestavam assistência aos feridos (BERGO, 2015). “No começo da marcha eram quase trezentas mulheres, ficando muitas pelo caminho, conforme fossem morrendo os maridos e não arranjassem logo outro homem” (PELLEGRINI, 1999, p. 21).

A decisão de levar as tropas até Cuiabá provocou reações entre seus habitantes. Foi o caso do secretário de governo da província,

Joaquim Felicíssimo d’Almeida Louzada, que, em carta enviada à corte imperial, afirmou que, se as tropas oriundas de Minas Gerais e de São Paulo tivessem seguido para Santana do Paranaíba, teriam rapidamente entrado em combate com os exércitos invasores em Miranda e assim os paraguaios estariam expulsos do solo brasileiro. A decisão do coronel Drago de vir a Cuiabá nada mais era que um recurso para dirigir-se pela estrada de Goiás, de modo a fugir do inimigo. Chegaria a Mato Grosso em dezembro com a soldadesca exausta e inutilizada, impedida de qualquer ação por encontrar os solos do Pantanal completamente alagados. D’Almeida Louzada acrescentava que iriam aumentar os problemas que a cidade já enfrentava, como a fome devida à desorganização da produção, abalada pela guerra e pelo mau tempo (LOUZADA, 1865).

Quando as tropas chegaram ao rio dos Bois, já em Goiás, tiveram, certamente por pressões vindas de Cuiabá, sua rota alterada para Coxim, e dali a Miranda, para desalojar os invasores que lá permaneciam sem serem incomodados, de acordo com as informações de d’Almeida Louzada. A Força Expedicionária perdeu nessa localidade seu comandante, coronel Drago,<sup>3</sup> substituído pelo coronel José Antônio da Fonseca Galvão.

A passagem da Força Expedicionária pelo território goiano foi marcada por extrema dificuldade. Segundo um de seus oficiais, a tropa andava na toada de uma boiada. Nos pequenos povoados que encontravam pelo caminho, era muito comum que os soldados invadissem casas, ranchos e pequenas e grandes propriedades para se apropriarem de ovos, galinhas, patos e até cachorros, que as-

savam e comiam. Se algum sitiante ou fazendeiro não tratasse de esconder sua boiada, esta seria expropriada em favor do exército imperial e o proprietário receberia um bônus de guerra. Tal bônus era um papel que o comandante assinava, com o qual o titular poderia no futuro ser ressarcido de seus prejuízos pelo império. Com isso, a coluna foi traçando um rastro de saques e assaltos oficiais pelo longo trajeto percorrido em território brasileiro (PELLEGRINI, 1999).

Desde o rio dos Bois, em território goiano, o comandante convivia com a falta de recursos de boca e por isso enviava oficiais às propriedades em busca de alimentos, comunicando-se com as autoridades de Goiás e Minas Gerais na tentativa de solucionar os prementes problemas com o fornecimento. Muitos soldados desertaram ou morreram de varíola e outras doenças, “o que não se deveu ao acaso, mas à falta de previsão no abastecimento e, sobretudo, ao descuido com a vacinação antivariolosa dos soldados” (MIRANDA FILHO, 2016, p. 141).

Mesmo em Goiás, foram “indo devagar e a lutar já com a falta de viveres e escassa distribuição de carne de vacca” (TAUNAY, 1874, p. 28). A situação iria se agravar à medida que fossem adentrando o Pantanal de Mato Grosso, pois as carretas dos fornecedores avançavam com dificuldade no terreno inóspito, correndo risco de ataque por patrulhas paraguaias.



Figura 1 – Croqui do deslocamento da Força Expedicionária para a retomada de Mato Grosso

Fonte: Taunay (1952)

A Força chegou a Coxim, em Mato Grosso, em 18 de dezembro de 1865, havendo percorrido mais de dois mil quilômetros, quase um ano depois da invasão paraguaia. As tropas camparam em um local denominado Beliago, na confluência dos rios Taquari e Coxim.

Em Coxim, a Coluna Expedicionária de Mato Grosso foi rebatizada, passando a denominar-se Forças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso (TAUNAY, 1926).

O Pantanal do sul de Mato Grosso, território em que as tropas iriam combater, era completamente desconhecido pelos soldados e oficiais, que provinham de diversas províncias.

A ignorância topographica, a leviandade, a inconsideração atirara-nos áquellas paragens inhospitas, mais do que isto, mortíferas, sob o pretexto de que Coxim era a chave das estradas para Cuyabá. (TAUNAY, 1929, p. 6)  
(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Além de desconhecerem o clima da região, os soldados tiveram de enfrentá-la desprovidos de vestimenta e calçados adequados.

A falta de comunicação e de planejamento era tamanha que os comerciantes encarregados do fornecimento à Força Expedicionária conduziram todos os gêneros em carroças a Santana do Paranaíba (hoje leste de Mato Grosso do Sul), embora as tropas houvessem tomado o caminho de Goiás, a norte, em direção a Cuiabá.

Os problemas começaram quando o fornecedor, contando com que a expedição seguisse por Santana do Paranaíba, como era normal, contratou para esse ponto numerosos camaradas, carreiros e empregados de que necessitava e fez os demais preparativos. Mas foi tudo em vão. A expedição seguiu por outro rumo, sem que ele tivesse sido informado a tempo de remover os depósitos que havia feito no caminho desprezado. Teve com isso muitas perdas. Não obstante, o fornecedor cumpriu suas obrigações durante todo o trajeto e, ao chegar ao Coxim, cedeu à Repartição Fiscal uma grande quantidade que ainda lhe restava. (GARCIA, 2001, p. 85)

Segundo Taunay (1927, p. 34), em Coxim já se encontrava a “tropa mal municiada de roupa e ainda menos de boca. As comunicações se haviam tornado mais difíceis [...]”. À medida que a formação se afastava do centro governamental e se aproximava do teatro de guerra, as dificuldades aumentavam. As comunicações tornavam-se mais lentas, devido às péssimas estradas, verdadeiros trilheiros, e a toda sorte de dificuldades topográficas. Mato Grosso estava muito distante de qualquer ponto de apoio logístico que permitisse a condução de recursos de boca e de tropas. A

fome não demorou a invadir os acampamentos, pois, por onde passassem em Mato Grosso, os soldados do império deparavam com sítios já saqueados e destruídos pelos invasores paraguaios. Pouco se podia aproveitar.

Na época, era praxe que o combatente transportasse em matulas ou alforjes parte da ração que iria consumir. Já a ração complementar era levada em carretas puxadas por bovinos ou equinos. Em Mato Grosso, por haver o comando recusado o uso das vias fluviais, o transporte foi terrestre. Vaz (2011) cita o general francês Antoine Henri Jomini<sup>4</sup>, que propunha não desprezar os rios, que melhor viabilizariam o atendimento às tropas em combate:

Para facilitar seu transporte, as rações devem consistir dos artigos mais portáteis (tais como biscoitos, arroz etc.), e as viaturas devem ser não só leves como sólidas, de modo que possam passar em todos os tipos de estradas. [...] Cursos d'água e canais navegáveis, quando paralelos à linha de operações do exército, tornam o transporte de suprimentos muito mais fácil e, além disso, aliviam as estradas dos numerosos veículos que são necessários. (JOMINI apud VAZ, 2011, p. 88)

Em Mato Grosso, vias fluviais das bacias dos rios Paraná e Paraguai poderiam ter sido utilizadas para esse fim.

Na busca de locais que pudessem fornecer mantimentos à expedição, constatou-se a precariedade das colheitas, em razão da seca que assolara a região no ano anterior.

A nossa expedição ofereceu poucos recursos às forças, não só pela má colheita que se tinha seguido á secca extraordinaria do anno, como pela chegada inesperada



de grande porção de gente em suas vizinhanças. Tomaram-se, entretanto, as providências precisas para fazer seguir todos os mantimentos possíveis para o *Coxim*, ponto marcado para nosso acampamento em Matto Grosso, durante a estação das águas. (TAUNAY, 1928, p. 111)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

A carne a princípio não faltou, mas não supre todos os nutrientes necessários e, em excesso, é prejudicial à saúde. A ausência de outras fontes de nutrientes foi um dos fatores da debilidade física que acometeu os combatentes, fazendo proliferar as doenças e aumentar os óbitos.

Os rebanhos, no entanto, foram-se reduzindo, devido aos abates diários e à ausência de reposição. Se, no início da expedição, abatiam-se 24 animais por dia, logo se tornou preciso abater apenas 16, em seguida 12 e depois meia dúzia, o que obrigou o comandante a enviar todos os dias uma guarda armada para garantir a desossa contra saques praticados pela própria tropa. As mulheres que acompanhavam a expedição disputavam as vísceras e miúdos do gado a tapas (PELEGRINI, 2009).

Devido à penúria vivenciada,

as autoridades mandavam fazer pelos soldados colheitas enormes de *saccos* (de frutos silvestres), que depois eram distribuídos como se fossem rações determinadas pela lei! (TAUNAY, 1927, p. 89)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Durante semanas de permanência em Coxim, nos atoleiros decorrentes das chuvas excessivas, centenas de soldados morreram,

e perderam-se muitos cavalos. Sitiados pelas águas, os acampamentos fediam, rodeados por latrinas cavadas na terra; por urina e estrume de bois, cavalos e cachorros; por caldeirões fervendo com buchada ou chouriço; por couros amontoados em carretas para serem trocados por suprimentos (PELEGRINI, 2009). Reinava completa falta de higiene, agravando a ocorrência de doenças em soldados e oficiais.

Quando Taunay se refere à topografia, é necessário ter em conta que a província de Mato Grosso era despovoada.<sup>5</sup> A manutenção da ocupação territorial estava a cargo das instalações militares, e havia umas poucas estâncias e fazendas, em que se criava gado e se produziam gêneros de subsistência. As características topográficas eram pouco ou nada conhecidas, uma vez que os deslocamentos e contatos com as poucas comunidades de então eram realizados por via fluvial, a exemplo das monções, principalmente pelos rios Paraguai e Paraná. A praticidade dos rios como vias de transporte e integração da província com o restante do império pode explicar a exígua disponibilidade de estradas carroçáveis no Mato Grosso de então.

Além da falta de suprimentos, outro fator negativo enfrentado pelos soldados foram as chuvas pesadas, típicas do período de janeiro a março em Mato Grosso, que alteravam o nível dos rios e impediram o prosseguimento ou o retorno ao ponto de partida. Sem roupas adequadas para enfrentar as intempéries, os soldados logo adoeciam. Ante os temporais, toda a tropa se amontoava nos

poucos pontos altos e secos, esperando o rancho e tentando acender fogueiras com lenha molhada, chegaram a mastigar car-

nes tão duras que engasgavam os cachorros, dormiam ao relento, deitados sobre o capim molhado e não tardavam a ser acometidos por uma pneumonia, doença à época de difícil cura. (PELEGRINI, 1999, p. 26)

As tropas enviadas a Mato Grosso foram, assim, tratadas com extrema negligência:

os soldados não tinham como foco central o inimigo paraguaio e sim sobreviver nos campos de batalha, onde tudo faltava, inclusive a alimentação básica. (DOURADO, 2014, p. 30)

No trecho entre Coxim e Miranda, o coronel “Fonseca Galvão vivia ralado de desgostos e inquietação, sem enxergar diante de si nenhum caminho aberto” (TAUNAY, 1927, p. 90). Mostrava-se preocupado, pois a tropa encontrava-se imobilizada e afastada dos meios básicos de manutenção da vida, devido aos “intermináveis aguaceiros, que transcorriam de um lado a estrada de Miranda e, de outro, a do Coxim às boiadas e carros de provisões” (TAUNAY, 1927, p. 90). Taunay (1927, p. 94) relata ainda a preocupação do comandante em manter a munição seca e menciona a precariedade das vestimentas dos soldados, deixados

à mercê de todas as coleras da natureza, sem abrigo nem refugio, os soldados quasi nús escorrendo agua, mergulhados até á cintura em torrentes tão rapidas que podiam carregá-los, e ainda assim occupados em subtrahir os cartuchos á humidade [...]. (N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Nos anos de grandes cheias, como ocorreu em 1865, as águas ultrapassam os

seis metros. Nessas ocasiões, os rios Paraguai, Taquari, Miranda e Aquidauana, bem como seus inúmeros afluentes, extravasam seus leitos e formam uma densa rede de lagoas (“baías”), interligadas por cursos de água duradouros. Somente os terrenos mais altos (localmente chamados “cordilheiras”) e poucas ilhas escapam à inundaçãõ.

Mesmo frente à intensidade das chuvas, decidiu-se o comandante Galvão pelo deslocamento rumo a Miranda. Já no começo de junho, as tropas estavam no rio Negro, cercadas pelo Pantanal inundado. Durante o deslocamento, Taunay presenciou e registrou uma série de ocorrências que comprovavam a falta de conhecimento das peculiaridades do território e o despreparo dos comandantes militares. A transposição dos pantanais transcorreu com extrema dificuldade. Os soldados caminhavam dias inteiros com água pela cintura.

Nas corixas da Madre e da Cangalha em que o lodo não dava pé, muitos desventurados lá ficaram para sempre atolados. O fragil estivado coberto de feixes de macega que ia sendo feito para a passagem do estado-maior e da testa da coluna não tardava a afundar com o peso do transito, de maneira que mulheres e bagageiros tiveram de se metter numa lama visguenta, que serviu de tumulto a muita gente, centenas de pessoas. (TAUNAY, 1927, p. 94)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

A escassez de alimentos, a necessidade de beber água dos rios, nem sempre potável, a falta de saneamento dos acampamentos, a assistência médica inadequada — o número de membros do serviço médico estava aquém



da necessidade; o equipamento e os medicamentos eram em quantidade insuficiente —, somadas à insalubridade do Pantanal, contribuíam para a disseminação de doenças, como o beribéri<sup>6</sup> (ou perneira<sup>7</sup>), até aquele momento, segundo Taunay, desconhecidas, mas responsáveis pela morte de parte considerável da coluna, antes mesmo que esta pudesse entrar em combate. Uma das vítimas foi “o commandante em chefe Fonseca Galvão, que [...] veio a fallecer a 13 (junho de 1866)” (TAUNAY, 1927, p. 91).

A Força Expedicionária de Mato Grosso não havia encontrado um único paraguaio, não havia participado de um único combate e, no entanto, perdera um terço da tropa em decorrência de malária e beribéri e durante a transposição dos pantanais (PELLEGRINI, 1999).

Para compensar tais perdas, foram recrutados nativos, logo que os contingentes da Força Expedicionária chegaram à serra de Maracaju, onde se concentrava o maior número de refugiados da vila de Miranda e das aldeias de seus arredores. Em um primeiro alistamento, foram reunidos 216 terenas, 39 quiniquinaus e 20 laianas. Os guaicurús, por meio de seu “capitão” Nadô, firmaram o compromisso de reunir todos os seus guerreiros ao exército imperial (TAUNAY, 1929, p. 130).

À medida que as tropas se deslocavam rumo a Miranda, as epidemias continuavam a ceifar vidas. O parecer da comissão de engenheiros era o de não permanecerem por muito tempo na região, pois, como observou Taunay (1874, p. 17):

O sitio de Miranda é quasi inhabitavel; bordado, em extensão consideravel, de brejos que a menor chuva inunda em um momento, ainda na boa estação, e que os

raios ardentes do sol seccam com a mesma rapidez, privado de boa agua, pois a do rio Miranda é sempre turva e lodosa, o terreno em sua propria disposição não offerecia de mais a mais uma só das condições militares ás quaes poder-se-hiam em rigor sacrificar as considerações da hygiene. Ao longo de uma corrente em que podem navegar grandes barcas, estende-se a margem uniformemente baixa a que caminhos abertos e planos tiram toda a segurança.

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Essa passagem permite inferir que, devido à topografia predominante, as poucas estradas abertas deixavam de oferecer passagem segura no período das cheias, o que pode ser um dos motivos para a demora da chegada das carretas de suprimentos, sujeitando a expedição a sérias dificuldades alimentares, médicas e de segurança, já que, se os comboios se arriscassem a atravessar as correntes caudalosas, poderiam, no mínimo, molhar todo o carregamento a ponto de inutilizá-lo ou serem arrastados pelas fortes correntezas. Além de dificultar o deslocamento dos comboios, os cursos d’água eram obstáculos à tropa durante o movimento de retraimento.

Quando os soldados brasileiros entraram na vila de Miranda, em setembro de 1867, quase dois anos depois do início da guerra, tendo levado nove meses para completar o trajeto Coxim-Miranda, encontraram-na devastada, pois tudo o que não pôde ser levado os paraguaios destruíram pelo fogo. A inutilização de instalações e de qualquer material que pudesse ser aproveitado pelo inimigo era prática comum nas guerras para negar ao adversário abrigo ou qualquer tipo de sustento, forçando-o a abandonar o

sítio para buscar local mais seguro, que assegurasse manutenção da tropa. A vila não foi abandonada por acaso:

Os paraguayos, quando invadiram o districto, reconheceram o perigo dessa residência, e, retirando dahi em Fevereiro de 1866, reforçaram com o destacamento que ahi tinham os postos do porto de Souza e de Taquarussú que eram as suas sentinellas avançadas sobre o rio Aquidauaná. Já antes da invasão estrangeira os proprios habitantes de Miranda intentaram fazer com que se transferisse a cabeça da comarca quer para Pedra Branca quer para Forquilha, invocando contra o estabelecimento actual razões demasiado justas, as febres geraes nos mezes das aguas e os transbordamentos do rio, que subia nas grandes enchentes de trinta a quarenta palmos e chegava a cobrir quinhentas braças da margem direita ao ponto de alcançar as primeiras casas da povoação. (TAUNAY, 1915, p. 18)  
(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Ainda em Miranda, perderam-se animais de montaria, pelo efeito devastador de uma doença fatal que atingiu a cavallhada: a tripanossomíase equina, também conhecida como peste das cadeiras, causada por *Trypanosoma evansi*,<sup>8</sup> “que da Bolívia penetrou, por volta de 1850, em Mato Grosso, cuja tropa de equinos foi terrivelmente dizimada” (CORRÊA FILHO, 1969, p. 531). Antes dos primeiros combates, o exército imperial já perdera um terço de seus soldados e não contava com o elemento primordial da guerra nesses terrenos: a cavallhada, essencial para o deslocamento e para reconhecimento do terreno, por ser a tropa mais apta a combater em campo aberto, com velocidade e poder de choque, além de servir de apoio à pega do gado

bovino selvagem que vagava pelas campinas, que pudesse alimentar soldados e oficiais. A situação na vila de Miranda era de calamidade: não havia mais cavalos, quase todos vitimados pela doença (TAUNAY, 1874).

A enorme distância de Mato Grosso a qualquer ponto que servisse de apoio logístico à condução de recursos e tropas não mereceu atenção do comando das operações, instalado no Rio de Janeiro, que sequer repôs a cavallhada perdida em combate ou por doenças. Ficava assim o combatente nacional obrigado a enfrentar a cavallhada paraguaia apenas com a infantaria.

Com a morte do coronel Galvão, vitimado pela perneira, assumiu o comando da Força Expedicionária, em 1º de janeiro de 1867, o coronel Carlos de Moraes Camisão, que se tornara militar conhecido por protagonizar um dos acontecimentos mais infames que marcaram a guerra do Paraguai. Em 3 de janeiro de 1865, quando da invasão das tropas paraguayas sobre Mato Grosso, o comandante de armas Carlos Augusto de Oliveira e o tenente-coronel Camisão, junto com o segundo batalhão de engenharia, que comandavam, abandonaram a vila de Corumbá e se recusaram a enfrentar as tropas invasoras, deixando a população civil à mercê dos inimigos (CORRÊA, 1999).

Recebido com extrema desconfiança por soldados e oficiais pela fuga de Corumbá, Camisão, que havia sido humilhado na capital da província, sentia-se no dever de responder às ofensas. Conta Taunay que o militar Poaia, que acompanhava a expedição, afirmou que “Camisão é um medroso de conta, poltrão como ninguém! Conheço-o muito. Foi quem abandonou

Corumbá” (TAUNAY, 1948, p. 316). No entanto, o historiador Valmir Batista Corrêa afirma que “Camisão redimiui-se deste procedimento, ao participar de um dos feitos heroicos mais significativos da guerra [a Retirada da Laguna], apesar de ter sido considerado um equívoco militar” (CORRÊA, 1999, p. 146).

Apesar das desconfianças, logo desfeitas, o novo comandante causou boa impressão entre os combatentes. Deu nova organização tática à coluna já muito desfalcada, “com menos de dois mil homens” (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1995, p. 79), e, imediatamente preocupado com a insalubridade do lugar em que estavam estacionados e frente à necessidade de prosseguir com a missão, ordenou imediata partida para Nioac.

Em janeiro, na chegada a Nioac, não houve como evitar um saque promovido pelos soldados do exército imperial. A guarnição local defendeu seu armazém, mas o restante do povoado foi atacado:

fervilhavam soldados em torno de cada casebre, tirando tudo o que podiam. Restos de ossos para jogar na sopa, farinha, sal, madeira para as fogueiras, qualquer pedaço de pano que, lavado e fervido, ainda podia ser usado como embornal, coador, atadura. A tropa já andava em andrajos. (PELLEGRINI, 1999, p. 38)

Em Nioac os soldados se restabeleceram. O clima do planalto e uma oferta maior de alimentos puseram fim às epidemias. O medo de morrer desapareceu da tropa.

Restabelecida a ordem, decidiu o comandante avançar para a fronteira, com o propósito de tomar posição que não a ofen-

siva — ao menos de observação, de maneira a inquietar as tropas paraguaias estacionadas na linha do rio Apa. Em 25 de fevereiro, a tropa levantou acampamento e se dirigiu à antiga Colônia de Miranda.

A negligência do governo imperial para com Mato Grosso pôde ser constatada também na negação de informações extremamente importantes para a organização da ofensiva:

[...] durante esse tempo o coronel Camisão e o seu estado-maior tinham lido as notícias que a mala de Camapoan acabava de trazer. Nenhuma comunicação quer official quer particular relativa á invasão do Paraguay pelo Sul chegara sem duvida ao comandante, nem cousa alguma que a isso se prendesse de modo positivo; informações todavia que teriam para nós o maior interesse no momento em que nos abalancavamos a uma operação perigosa sem outra rasão ou intuito além de effectuar uma diversão útil ao feliz exito das nossas armas no Baixo Paraguay. (TAUNAY, 1915, p. 57) (N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Eis uma questão crítica no desenrolar de uma guerra com duas ou mais frentes distintas: houve falta de coordenação e de comunicação sobre os acontecimentos da outra frente de combate. Camisão e seu estado-maior foram mais uma vez abandonados pelo escalão superior. Provavelmente, ele não teria avançado sobre a fronteira se tivesse conhecimento de que o exército aliado estava estacionado ao sul, sob o comando de Caxias, aguardando reforços e treinando os recrutas que chegavam. A falta de coordenação entre as duas frentes foi fatal para que a expedição de Mato Grosso entrasse em território paraguaio para distrair as tropas inimigas.

Em 21 de abril de 1867, o coronel Camisão, à frente de mil e quinhentos homens, comandou um ataque às tropas paraguaias estabelecidas em Bela Vista, a cerca de 150 quilômetros de Nioac. O percurso até o Apa foi vencido com extrema dificuldade. A maça seca e crescida, com hastes duras e arestas cortantes, tornava a marcha penosa.

Por seu menor número, as tropas paraguaias não ofereceram resistência para manter suas posições. Em 14 de março, sem grandes dificuldades, o exército imperial cruzou o rio Apa, ocupando no dia 21 a fazenda Machorra e, em 6 de maio, tomando o acampamento paraguaio de Laguna.

A tropa formada em Uberaba já se encontrava sobre a fronteira havia mais de dois anos e, desde que saíra de Goiás, foi desfalcada por mortes e deserções, sem receber nenhum recompletamento<sup>9</sup> ou reforço para prosseguir na missão.

A rápida redução do estoque de víveres tornou a situação da Força Expedicionária insustentável, e o coronel Camisão decidiu retroceder até o rio Apa, mas, para não dar a entender aos paraguaios que a tropa passava por dificuldades, resolveu fazer uma demonstração de força e atacar o acampamento adversário, para só depois retroceder. O ataque foi planejado e logo posto em prática, tomando os defensores de surpresa. Os paraguaios que sobreviveram e fugiram deram o alerta à retaguarda, e grupos de artilharia e de cavalaria chegaram para dar combate, obrigando à retirada dos brasileiros sob fogo cruzado.

A célebre Retirada da Laguna teve início em 8 de maio sob a constante intervenção da infantaria e da cavalaria paraguaias, que, percebendo o movimento de recuo dos inva-

sores de sua república e conhecedores da rota que iriam trilhar e dos acidentes do terreno com suas coberturas naturais, adiantaram-se e passaram a emboscar a tropa imperial.

Na continuação do retraimento, a situação foi se tornando caótica, pois era necessário evitar o campo aberto, que daria à cavalaria paraguaia a vantagem da velocidade e da força de choque. Em vista disso, Camisão buscou uma rota alternativa pelas matas, o que reduziu a velocidade do deslocamento, uma vez que os soldados eram “obrigados a ir abrindo caminho pela vegetação virgem, consumindo a escassa energia que possuíam, além de marcar o trajeto aos perseguidores” (MIRANDA FILHO, 2016, p. 143). Ao mesmo tempo em que se abria picada na mata, havia preocupação com o fogo que, de quando em quando, os paraguaios ateavam ao mato ressecado, aproveitando-se da fumaça para promover ataques (MIRANDA FILHO, 2016).

Não bastassem todas as agruras enfrentadas, no dia 18 começaram a surgir com maior frequência casos de cólera, altamente contagiosa, que desidrata rapidamente, inutilizando o doente para qualquer atividade física. O número de enfermos e moribundos só aumentava. Muitos eram transportados em redes ou em cestos improvisados, ou amontoados nos carros de munições. Muitos carregadores se contaminavam, fazendo crescer a carga de doentes. A fadiga dos que transportavam as macas, por falta de alimentação e descanso, os embrutecia a ponto de por vezes, ao atravessarem um curso d’água, afogar-se um ou outro dos infelizes:

O mais cruel, porém, foi, ao atravessarmos um largo charco, o banho glacial em que ficamos mergulhados até á cintura. Não se

conservavam as fileiras: nem sequer enxergávamo-nos uns aos outros. A uma escuridão compacta que sobreviera, sucedeu a noite sem intervalo, uma dessas noites propícias aos desastres e aos crimes; mais de um doente ahi foi afogado pelos que os carregavam. (TAUNAY, 1974, p. 170-171)  
(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

O número de doentes era difícil de precisar, pois o contágio se dava com rapidez e a mortandade era grande, além de ser curto o tempo de estacionamento da tropa, dada a iminência de ataque das patrulhas paraguaias à medida que iam se aproximando da fronteira. Taunay (1878, p. 66), no entanto, informa que

atopetados de doentes, agonisantes e mortos iam os carros de artilharia; a cada instante cahia gente atacada; não havia mais como levar-a, e, entretanto para cima de cem padiolas formavam uma lugubre procissão [...].  
(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

As chuvas torrenciais que passaram a cair depois de 13 de maio de 1867 castigavam os soldados. Sucedidas pelas altas temperaturas características dessa região, tornavam o clima um feroz adversário. O mau tempo, com fortes ventos, fazia crescer o volume das águas nos córregos próximos ao acampamento. Muitas mortes sobrevieram também devido à queda de raios.

Bem no meio do nosso acampamento cahiam os raios, attrahidos pelas peças de artilharia; fulminavam soldados e com os contrachocos derrubavam-nos por terra, embora sentados e encolhidos debaixo do capote varado pela chuva. Não houve

toldo, abrigo que aguentasse, quando madeiros alentados eram torcidos pela mão possante do vendaval, sacudidos de terra, arrancados e atirados ao longe como leves projectis. Tudo voou pelos ares. (TAUNAY, 1930, p. 27)  
(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Estavam os soldados instalados em campo aberto, sem nenhum abrigo seguro para protegê-los da tormenta.

Os paraguaios haviam alcançado os locais em que alguns dos soldados e oficiais do exército imperial haviam sido sepultados e,

tornando a abrir as covas, dellas tiraram os cadaveres e os despojaram para apoderarem-se de alguns miseráveis andrajos que depois disputavam violentamente uns aos outros; alguns até apressaram-se em vestilos. (TAUNAY, 1974, p. 175)  
(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Despojar cadáveres de suas vestimentas e pertences foi ato que se repetiu ao longo de toda a campanha no interior do Paraguai, principalmente devido à escassez de roupas, alimentos e materiais de guerra para suprir a tropa.

De lado a lado, os soldados dedicavam-se “comumente ao roubo e saque de companheiros, do inimigo, de oficiais e de depósitos militares, para não perecerem de fome e miséria” (DOURADO, 2014, p. 34).

Em 26 de maio, a tropa chegou ao rio Miranda. Com águas a transbordar, os soldados só puderam iniciar a transposição quatro dias mais tarde, com enorme esforço e perda de muitas vidas. Chegaram finalmente a Nioac em 2 de junho.

Em 5 de junho, a tropa partia de Nioac em direção a Porto Canuto, chegando a esse destino em 11 de junho. Desse local, o visconde de Taunay partiu para informar a corte, no Rio de Janeiro, sobre os acontecimentos vividos pela tropa. Os poucos soldados ainda em condições de combater foram reunidos e destinados a Cuiabá, local a que chegaram em 16 de outubro (TAUNAY, 1929, p. 88). O saldo era patentemente negativo: terminada em princípios de junho, a coluna Camisão perdeu quase dois terços de seu pequeno efetivo, reduzindo-se de 1.650 a 700 homens, na grande maioria perecidos de fome e doenças, em razão da negligência governamental. Não há referência aos índios e às mulheres que acompanhavam as tropas e que certamente perderam a vida durante a retirada. Para o general Tasso Fragoso, a Força Expedicionária do Sul de Mato Grosso se retirou do território paraguaio “sem nada haver conseguido de frutuoso e apenas escrevendo uma página imorredoura de privações e de sofrimentos” (FRAGOSSO, 1934, p. 247).

A Força Expedicionária de Mato Grosso, organizada para dar combate aos invasores do território nacional, não conseguiu cumprir

seus objetivos. Mal organizada e mal planejada, a missão esteve desde o início fadada ao desastre, pois, desde sua formação, os problemas se evidenciaram. Foi necessário arrebatar tropas de pontos diversos do império para compor um exército cujo efetivo mostrou-se aquém do planejado e insuficiente para a execução. Não havia informações precisas sobre o adversário a ser enfrentado; desconhecia-se o terreno a ser atravessado e onde se dariam os combates; sabia-se muito pouco sobre a dinâmica das águas do Pantanal e das mudanças climáticas da região a ser percorrida; estradas carroçáveis eram inexistentes; as poucas pontes precisaram ser reforçadas para suportar a carga que sobre elas transitaria. Somando-se a tudo isso, a mudança de rota, de Coxim para Miranda, causou transtornos aos fornecedores que já haviam providenciado depósitos em locais seguros, até Cuiabá, e tiveram de adaptar-se às modificações, sem tempo hábil para tanto — desencontros que resultaram em falta de alimentação e de toda espécie de gêneros, com sofrimentos e perda de vidas, tanto entre os combatentes quanto na população em geral, já abalada pela desorganização da produção na província. **REB**

## Referências

BERGO, Marcio Tadeu Bettega. 1864 – 1870 ou Guerra da Tríplice Aliança – 150 anos uma tempestade na Bacia do Prata. In: Revista Adesg – Novembro/ Dezembro nº 291 – Ano 40, 2015.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. 5 ed. Campo Grande-MS. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

CAVASSA, Manoel. **Memorandum de Manoel Cavassa** / apresentação e notas Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa. – (Memória Regional, 1). Campo Grande. Ed. UFMS. 1997.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. Ed. 22. Editora Brasiliense, 1988. 224 p.



---

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CORRÊA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

CORRÊA, Valmir Batista. Fronteira oeste. Campo Grande MS: Editora da UFMS, 1999.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **A Guerra do Paraguai - 2ª Visão**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1991.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai**. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2014.

ESSELIN, Paulo Marcos. **A Pecuária Bovina no Processo de Ocupação e Desenvolvimento Econômico do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1830-1910)** / Paulo Marcos Esselin. – Dourados: Ed. UFGD, 2011. 358 p.

ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Tito C. M.; OLIVEIRA, Marco A. M. **Fronteiras esquecidas: a construção de hegemonias nas fronteiras entre os rios Paraguai e Paraná**. Dourados: Ed. UFGD, 2012. 194 p.

FARIAS, Marco Antônio de. **Logística no Exército Brasileiro: passado, presente e futuro**. Revista do Exército Brasileiro. Vol. 152 – 1º quadrimestre – Edição Especial, 2016.

FRAGOSO, Tasso. **História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**. Vol. 1 Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1956.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai**/Divalte Garcia Figueira; [prefácio de] Rui Guilherme Graziera. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP: FAPESP, 2001. 215 p.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Seiscentas léguas a pé (A Campanha do Apa)**. Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1988.

LOUZADA, Joaquim Felicissimo d'Almeida. Periódico "O despertador". ano 1865, Edição 00307 – P. 2. Disponível em [memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/709581/1167](http://memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIPagina/709581/1167).

MAESTRI, Mario. **Paraguai: a República Camponesa – 1810 – 1865**. Porto Alegre: FCM Editora, 2015. 160 p. (Coleção Mar del Plata 2).

MAESTRI, Mario. **A Guerra no Papel: história e historiografia da guerra do Paraguai (1864-1870)**. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013. 322 p.

MIRANDA FILHO, Orlando de. O primeiro tiro: a ocupação do sul de Mato Grosso na Guerra do Paraguai (1864 – 1870). Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

---

MOURA, Aureliano Pinto. **A Guerra da Tríplice Aliança**; aspectos militares. In: Revista Navigator. Editora Serviço de Documentação da Marinha. Rio de Janeiro: nº 9 v.5 2009. Da página 15 até a 21.

PELLEGRINI, Domingos. **Questão de Honra**. São Paulo: Moderna, 1999.

REBOUÇAS, André. **Diário A Guerra do Paraguai (1866)**. Instituto de Estudos Brasileiros – USP. São Paulo, 1973.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle Taunay, Visconde de. **A retirada da Laguna** - episódio da Guerra do Paraguai. Tradução de Salvador de Mendonça. Impresso no original francez por ordem de S. Ex. o Sr. visconde do Rio Branco, traduzido e reimpresso no idioma pátrio por ordem de S. Ex. o Sr. senador João José de Oliveira Junqueira, ministro da guerra. Rio de Janeiro Typographia – Americana. 1874.

TAUNAY, Visconde. **A Retirada da Laguna** - Episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Ediouro. 1952.

TAUNAY, Visconde. **Em Matto Grosso Invadido (1866 – 1867)**, Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo – Cayeiras – Rio. 1929. Disponível em: <[www.guerradoparaguaimatogrossodosul.blogspot.com.br/p/livros.html](http://www.guerradoparaguaimatogrossodosul.blogspot.com.br/p/livros.html)>. Acessado em: 15/01/2015.

TAUNAY, Visconde de. **Dias de Guerra e de Sertão**. Editora Comp. Melhoramentos de São Paulo.

TAUNAY, Visconde de. **Diário do Exército** – A Campanha da Cordilheira – 1º volume. Editora Comp. Melhoramentos de São Paulo.

TAUNAY, Visconde de. **Céos e Terras do Brasil**. 7 ed. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1930. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ub000023.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ub000023.pdf)>. Acesso em: 15/03/2014.

TAUNAY, Visconde de. **Scenas de viagem**: Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda: memoria descriptiva. Pelo 1º tenente d'Artilharia Alfredo d'Escagnolle Taunay. 1868.

TAUNAY, Visconde de. **Narrativas Militares (Scenas e Typos)**. Por Silvio Dinarte (A.d'E.T.). Autor da Mocidade de Trajano, Innocencia, Historias Brasileiras, Etc. Rio de Janeiro. B\_ L. GARNIER LIVREIRO-EDITOR, 1878.

TAUNAY, Visconde de. **Marcha das Forças**: Expedição de Matto Grosso (1865-1866) do *Rio de Janeiro ao Coxim*. Editora Comp. Melhoramentos de S. Paulo (Weiszillog Trmãos incorporada) São Paulo: Cayeiras – Rio. 1928.

TAUNAY, Visconde de. Cartas da campanha de Matto Grosso. (1865-1866). Rio de Janeiro: Biblioteca Militar. Ministério da Guerra, 1942.

VERSEN, Max von. **Hisória da Guerra do Paraguai**; tradução de Manuel Tomás Alves Nogueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da

---

Universidade de São Paulo, 1976.

VIANNA LOBO, Gal. Jose Feliciano. A epopéa de Laguna. Ministério da Guerra 1920.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

- 
- <sup>1</sup> Um dos empecilhos para a utilização do rio Tietê como via de transporte era seu encachoeiramento, que não permitia a utilização de vapores ao longo de todo o seu curso, o que obrigaria as tropas a desembarcar em determinados pontos e deslocar-se a pé até novo local de embarque, como no tempo das monções. “Chamado a principio Anhemby, tem ainda o Tietê este nome em alguns mapps. A sua denominação legitima é Yeté, que quer dizer muita agua” (TAUNAY, 1828, p. 2). Em Goiás, segundo Taunay (1828), um dos problemas estava no rio dos Bois, caudaloso e com correntes perigosas que já haviam vitimado alguns exploradores.
  - <sup>2</sup> Diversão é uma manobra estratégica utilizada na guerra para iludir o adversário quanto ao real propósito do atacante ou para forçar a divisão de forças. Na guerra do Paraguai, a manobra visava manter as forças paraguaias do Norte aferradas ao terreno, impedindo que fossem reforçar as defesas ao Sul.
  - <sup>3</sup> Para Taunay (1948), o coronel Drago fora destituído do comando da expedição por conta de intrigas e delações que renderam frutos na corte e na imprensa do Rio de Janeiro, devido à prolongada estada das tropas em Campinas, de 15 de abril a 19 de junho de 1865, quando os dias foram preenchidos por bailes e divertimentos, o que lhes angariou numerosas antipatias junto à opinião pública.
  - <sup>4</sup> General francês do exército de Napoleão, contemporâneo de Clausewitz e autor de Sumário da arte da guerra, de 1838.
  - <sup>5</sup> Desconsiderava-se que havia populações indígenas de várias etnias em aldeias em muitos pontos da província, embora poucos registros indiquem que os soldados lançaram mão da produção de cereais dos nativos para matar a fome.
  - <sup>6</sup> O beribéri se caracteriza por alterações nervosas, cerebrais e cardíacas. A doença decorre de carência de vitamina B1 (tiamina). Seus sintomas incluem formigamento nos artelhos, que se intensifica à noite, câimbras nas panturrilhas e dor nas pernas e nos pés. Pode haver confusão mental, laringite e visão dupla ([www.tuasaude.com/beriberi](http://www.tuasaude.com/beriberi)).
  - <sup>7</sup> A designação “perneira”, dada pelos soldados, se devia ao desconforto, dores e paralisção que acometiam os membros inferiores.
  - <sup>8</sup> Segundo publicação do EMBRAPA (DOC 66, de dezembro de 2004), disponível no sítio [www.cpap.embrapa/publicações/online/DOC66.pdf](http://www.cpap.embrapa/publicações/online/DOC66.pdf), o “Trypanosoma evansi foi o primeiro tripanosoma patogênico descoberto. A surra, como a doença é conhecida na Índia, causada pelo T. evansi, há muitos séculos tem sido observada. Porém, foi somente em 1880 que Griffith Evans descobriu organismos móveis semelhantes a espirilos no sangue de cavalos e camelos doentes. Evans descreveu os parasitas em esfregaços frescos e os reconheceu como sendo protozoários. Evans acreditou que a fonte primária da infecção dos cavalos fossem as águas poluídas (Hoare, 1972) ”.
  - <sup>9</sup> Recompentamento: 1. Atividade de administração de pessoal que compreende a obtenção, a recepção, o processamento, a instrução e a distribuição de recompentamentos individuais ou de unidades para recompentamento. 2. Indivíduo ou unidade destinados, respectivamente, ao preenchimento de claros individuais ou de unidades (MD35-G-01- GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS).